
O MODERNO É POSSÍVEL?

Wallace Faustino da Rocha Rodrigues

RESUMO: O objetivo é valorizar a tradição brasileira, de origem ibérica, em uma proposta de interpretação do Brasil. Para tanto, é levado em consideração o “clássico” modelo ocidental de modernidade, pautado pelo racionalismo, conforme descrito por Weber. Em seguida, faz-se uma experimental reflexão a levar em conta o dualismo Mundo da Vida e Mundo dos Sistemas de Habermas, presumindo a possibilidade de se estruturar um mundo da vida brasileiro a partir da tradição. Assim sendo, as suas instituições políticas, imersas em uma conservadora busca pela modernização, refletiriam, por um lado, a incapacidade de desenvolvimento pleno de uma razão instrumental e, por outro, o impedimento da autonomização social por meio do mundo da vida e da tradição. O resultado, por fim, é a criação de obstáculos para a modernização (desejada?) segundo os moldes do ocidente, independente do caminho optado.

PALAVRAS-CHAVE: modernização, Brasil, tradição.

ABSTRACT: The purpose is to enhance the Brazilian tradition of Iberian origin, in an attempt to interpretation of Brazil. Therefore, it is taken into consideration the “classic” Western model of modernity, defined by rationalism, as described by Weber. Then, there is a thought experiment to consider dualism World Life and World Systems Habermas, assuming the possibility of structuring a world of life from the Brazilian tradition. Soon, their political institutions, immersed in a conservative quest for modernization, reflect, on the one hand, the inability to complete development of an instrumental reason, and secondly, the prevention of social empowerment through the world of life and tradition. The result, finally, is the creation of obstacles to modernization (desired?) Along the lines of the West, regardless of the path chosen.

KEYWORDS: modernization; Brazil; tradition.

INTERROGAR o processo de modernização do Brasil e sugerir uma reflexão a respeito não é algo novo. Chega a aproximar-se do enfado devido ao grande risco de cair na mesmice. Assim sendo, há no exercício reflexivo uma exigência tamanha da maneira como o pensador deve encarar a sua empreitada, aproximando tal exigência de uma espécie de malabarismo conceitual, como forma de promover o seu encaixe nas correntes interpretativas que o precederam, ao mesmo tempo em que busca a sua originalidade. O trabalho que se segue também tenta, em alguma medida, atender às “demandas” acerca da reflexão sobre o Pen-

samento Social Brasileiro e a maneira como seus autores compreendem o processo de modernização do Brasil. Contudo, em busca de um lugar ao Sol, de modo a fazer sombra, intenta-se uma trajetória talvez um tanto inovadora, ao se voltar para um caminho hermenêutico, reconhecendo a necessidade de as Ciências Sociais Brasileiras estarem identificadas com um propósito ricamente hermenêutico de modo a exigir não somente a atenção de quem escreve mas, igualmente, todo o contexto a convergir para que a escrita admita o formato final apresentado por muitos dos seus pensadores.

Como dito no parágrafo anterior, atenta-se para a modernização do Brasil a partir de uma cla-

© 2019, Wallace Faustino da Rocha Rodrigues.

© 2019, Universidade da Beira Interior.

Wallace Faustino da Rocha Rodrigues: Docente do curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Brasil.

O conteúdo deste artigo está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e do(s) seu(s) autor(es). O artigo, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

reza quanto à diferenciação dos processos de modernização identificados ao longo das leituras na sociologia do século XX e princípio do XXI. A partir de então, o caminho racional instrumental seguido pelo auto-proclamado Ocidente Moderno é tomado como espectro para os questionamentos que se seguem. A título de diferenciação e manipulação das palavras – de maneira a tentar causar o mínimo possível de confusão ao leitor – diferencia-se de tal proposta modernizante através do reconhecimento da tradição² (Barboza Filho, 2000). O sentido desta palavra engloba uma premissa histórica e crítica a promover um auto-reconhecimento do próprio Brasil, o objeto investigado, em um eixo desenvolvimentista. Assim sendo, a medida em que se considera o Ocidente como moderno, reconhece-se o Brasil como imerso em uma tradição que não exclui a referida modernidade. Pelo contrário, engloba-a em sua proposta crítica – por isso a validade do termo tradição – ao ponto de conferir a ela um sentido, uma tônica singular, provida de vida e, igualmente, de sentido epistemológico.

Prosseguindo, enquanto o Ocidente é moderno, o Brasil encontra-se encerrado em uma tradição. Neste enquadramento, nota-se a inserção do Brasil no cenário de modernização exigido pelo capitalismo, moderno, sumamente a partir da introdução de instituições modernas. O questionamento presente em grande parte dos autores do Pensamento Social e Político Brasileiro dá-se pelo julgamento feito constantemente à sociedade brasileira pelo fato de ela, por si mesma, não se enquadrar no projeto modernizante (Barboza Filho, 2010). Ou seja, o Brasil adota instituições modernas, mas sua sociedade não o é. De alguma forma, tais autores, e Sérgio Buarque se inclui neste caso, apresentam uma visão severa da sociedade no Brasil por sempre direcionarem os seus olhares a uma lente absolutamente distante da tradição brasileira. Isto é, Buarque de Holanda faz um reconhecimento desta tradição, minimamente, mas não como tradição, mas pura e simplesmente como herança (Holanda, 2004). Uma herança que, em alguns momentos, chega a ser condenada como maldita.

² Atenta-se que a utilização da palavra tradição segue, também, um propósito conceitual a garantir legitimidade à trajetória histórica visualizada pela Ibéria, os colonizadores, e a América Ibérica, os colonizados. Assim sendo, assegura-se a valorização cultural por meio da manipulação do termo tradição, conferindo às sociedades em questão características singulares contingentes de seus próprios processos sociais, econômicos e políticos. A partir desta perspectiva, não seria errado assegurar que o restante da Europa, principalmente aquela em que repercutiu a Reforma Pro-

Diante disso, admite-se a trajetória hermenêutica previamente anunciada como potencializadora do questionamento dos clássicos olhares dos pensadores brasileiros como situados em outra linguagem, um tanto distantes daquela linguagem exigida pela tradição brasileira em seu propósito interpretativo (Gadamer, 2004). Trata-se, em alguma medida, de reconhecer o posicionamento de tais autores em uma tradição distinta, a científica, da ciência ocidental, deveras distante da tradição brasileira, de herança ibérica e não racionalista (no sentido moderno), não possibilitando a promoção de uma história efetual e, conseqüentemente, insuficiência na interpretação do Brasil (Barboza Filho, 2008). Por isso o elemento sentimental vigente na estrutura cognitiva do povo brasileiro adquire ares de aberração se se visualizar o plano exclusivamente racional. O propósito, aqui, é ser mais generoso e tentar garantir legitimidade a esta vertente afetiva enquanto possibilidade de gerar formas de vida auto-suficientes equiparáveis ao projeto moderno racional do Ocidente.

Até que ponto não se pode falar em uma autonomização da sociedade brasileira, constituída em si mesma para um fim em si mesma no espectro de sua tradição? Até que ponto não seria possível compreendê-la como uma espécie de mundo da vida, no sentido mais habermasiano do termo? O artifício, neste caso, mostra-se proveitoso enquanto experimento justamente por englobar uma dialogia profícua. Isso porque o mundo da vida, conforme o próprio Habermas, em certa medida, depende muito mais dos sujeitos em sua autenticidade formativa social do que de formas de vida exclusivamente provenientes do modelo racional autêntico do Ocidente (Habermas, 2012). Isso convém à tradição brasileira. No mais, o par do mundo da vida é o mundo dos sistemas, este sim uma variação do espectro racional em sua heteronomia à razão instrumental. Como se sabe, Habermas busca constantemente a autonomia dos sujeitos e de suas formas sociais a partir da exponencialização do mundo da vida e de sua plena realização. O mundo dos sistemas, com suas instituições, tende, até certo ponto, a promover impedimentos para este processo de autonomização –

testante e a configuração da noção clássica de indivíduo, também seria provida de uma tradição própria, singular, possível de identificação pelas contingências de todos os processos ocorridos ao longo de sua história. Barboza Filho (2000) aborda muito bem a questão da tradição, enquanto Skinner (1996) desenvolve de maneira precisa a antinomia das formas de Pensamento Político a partir das consistentes diferenças entre o caminho seguido pelo Protestantismo e aquele proveniente do Catolicismo.

identificado com o exercício de uma razão comunicativa – em uma constante colonização da razão instrumental e de uma lógica voltada a fins (Habermas, 2012). Neste quadro, haveria a sacramentalização do mundo moderno em sua lógica sistematicamente weberiana de ação racional e justificação teleológica (Weber, 2002).

O objetivo de se considerar tais fatos refere-se à necessidade de se observar a efetividade da tradição brasileira no interior de sua sociedade e o seu efeito no processo de modernização. Seguindo este roteiro, compreender sua tradição como uma possibilidade de constituição de um mundo da vida, obriga, claramente, a perceber uma série de particularidades no entendimento quanto à formação do sujeito brasileiro. Como o espaço e tempo para este texto é pouco, avança-se enquanto exercício experimental na possibilidade de isso conferir uma saída libertadora para a sociedade brasileira, distanciando-a das severas críticas recebidas ao longo do século XX por alguns dos principais autores brasileiros das Ciências Sociais. O Brasil, portanto, passaria a ser visto como provido de uma legitimidade própria no que tange à sua constituição social e, por conseguinte, com capacidade de emancipação social³. Todavia, a lógica capitalista vista ao longo da história demonstra a ampliação não somente do aparato de produção capitalista, mas, também, de toda a forma de compreensão das relações sociais a ele imanentes e configuradas na premissa do homem racional, caracterizado como moderno. Isso não é diferente para o Brasil.

Prosseguindo, Sérgio Buarque de Holanda, em determinado momento, demonstra apreensão quanto à impossibilidade de o Brasil se tornar moderno. As conseqüências de sua inapetência estariam, inclusive, na maneira como se estruturaria o seu sistema político, sempre em débito com o atraso da herança ibérica. Holanda restringe-se ao plano da condenação da herança ibérica, não assumindo o seu ponto de vista e, portanto, não desenvolvendo a possibilidade de uma tradição juntamente com a sua possibilidade analítica. A sua restrição de olhar permite somente a admissão da razão ocidental como paradigma de civilização, embora consiga fazer um reconhecimento claro das características sentimentais do povo brasileiro. Projetando a reflexão buarquiana para as contribuições teóricas de Habermas, nota-se a incapacidade de o autor brasileiro visualizar um mundo da vida autêntico e possível de emancipação. Aliás,

³ Tal caminho possibilita, inclusive, mais cuidado no julgamento da própria sociedade brasileira em seu período anterior ao

a maneira como compreende a tradição ibérica o impede de observar qualquer possibilidade emancipadora do sujeito brasileiro, julgando-o apenas como escravo de si mesmo e das projeções civilizacionais que chegam até ele. O olhar de Sérgio Buarque não está no Brasil, está na modernização ocidental e nos padrões racionais de civilização oferecidos pelo ocidente (Holanda, 2004).

Enfim, a presente proposta sugere não somente o reconhecimento do Brasil, a partir da manipulação do termo tradição, como capaz de constituir uma autêntica forma de vida, um mundo da vida capaz de promover a sua autonomização – isso, inclusive, permitiria o reconhecimento da sociedade brasileira de forma mais generosa em termos de julgamento, distanciando-se mais da severidade premente ao espectro racional. O passo seguinte é a consideração dos elementos externos deste mundo da vida, e condizentes com a proposta ocidental moderna, como as instituições políticas e econômicas, como elementos característicos do mundo dos sistemas na formulação habermasiana. Assim sendo, a partir deste ponto, a colonização deste mundo da vida pelo mundo dos sistemas, austera e autoritária em alguns momentos, serviria, tal como a formulação de Habermas, como impeditivo para a emancipação da referida sociedade e expressividade de sua razão comunicativa (Habermas, 2012). Especificamente no caso do Brasil, a constante presença do mundo dos sistemas, como as formas modernizantes da economia de mercado, tende a impedir o desenvolvimento de seu mundo da vida e, por conseguinte, a propagação de sua tradição – tal como referenciar-se em sua tradição como forma de constituição de um todo social amplo e, por que não complexo. Em alguma medida, grande parte do Pensamento Social Brasileiro assim o quis e, ainda hoje, o deseja (Brandão, 2007).

O curioso é que, se se pensar no plano político, sequer se desenvolve plenamente uma instância completamente moderna. Que digam alguns dos adeptos da modernização conservadora. A presença de elites a promover uma revolução passiva, uma revolução sem revolução, notavelmente foi interpretada como uma distorcida forma de encaminhar o Brasil para a modernização – aliás, seriam as próprias elites desejando a modernização sem, contudo, desejar perder algumas de suas características elementares como, essencialmente, o poder político e, por sua vez, o poder econômico (Werneck Vianna, 2004). Não obstante, afirmar a

século XIX, onde boa parte do Pensamento Social e Político Brasileiro não chega.

presença de tais elites no interior de instituições como as políticas – e, igualmente, as econômicas – implica ressaltar a presença de um elemento não moderno a garantir a reprodução de instituições modernas. Assim sendo, questiona-se até que ponto se torna possível falar de uma modernização conservadora. O Brasil conseguiria se modernizar por meio de quadros conservadores presentes em suas instituições? O mundo dos sistemas conseguiria uma colonização efetiva do mundo da vida de maneira a condená-lo em um segundo plano em sua proposta de autonomização?

Bem, como forma de prosseguir com o problema reflexivo acima criado, pretende-se esclarecer duas coisas: 1) Reconhece-se, por meio da presença das instituições, a existência de um elemento realmente moderno – independentemente dos julgamentos feitos a se referirem aos quadros de elites presentes em tais instituições – e condizente com a razão ocidental conforme descrita por alguns de seus autores canônicos, como Max Weber. A presença de tal razão instrumental na configuração social final da sociedade brasileira é inegável. Deixá-la de lado seria, no mínimo, imprudência conceitual. Mas, por outro lado, dizer que ela é completamente suficiente como forma de garantir a modernização seria exagero. Ela efetivamente exerce influência na constituição social, mas encontra limites em sua propagação a ponto de não conseguir furar completamente a barreira criada pela tradição e substancialmente sólida a ponto de garantir um mínimo de força e identidade ao formato final da sociedade brasileira.

2) Definitivamente, a modernização do Brasil não é possível por essa via. Como foi visto, a colonização do mundo da vida ocorre, mas encontra limites no interior da sociedade brasileira, e sua tradição, e, igualmente, no interior dos próprios sistemas e instituições políticas, ao admitir a presença de quadros de elites em seu interior. Dizer que a modernização social, econômica e política são possíveis diante deste fato é promover uma superestimação das instituições políticas que, historicamente, mostraram-se insuficientes em termos de operacionalidade. Aliás, novamente, tal superestimação – circunscrita ao plano da racionalidade, tida como incondicional para a efetivação de tal modernização – induz inevitavelmente a subestimação da tradição brasileira, o que obriga a qualquer autor a retornar e completar a volta do ciclo de interpretação da modernização do Brasil.

O texto, portanto, em alguma medida, aparenta um caráter apocalíptico – o que provavelmente, gerará preocupação por parte de alguns au-

tores. Porém, atenta-se que o movimento reflexivo aqui proposto encontra-se na direção de busca de uma originalidade nos estudos acerca da modernização do Brasil, voltando-se particularmente para a autenticidade da formação brasileira. 25 anos de instituições políticas sólidas – se se tomar a Carta Constituinte como paradigmática – já é tempo mais que suficiente para se gerar questionamentos positivos e/ou negativos quanto aos ganhos do país em sua trajetória modernizante. Ademais, atenta-se para um movimento intelectual que não é novo, iniciado por Richard Morse. O autor norte-americano, ao preocupar-se com a configuração da sociedade iberoamericana no processo de constituição da América atentou para o fato de a Península Ibérica ter tido um claro projeto de modernização pautado pelo neotomismo (Morse, 1995). O seu olhar voltou-se principalmente para o fato de esse projeto, em determinado momento, ter surgido enquanto possibilidade de se fazer frente ao caminho moderno visualizado paradigmaticamente com a Reforma Protestante – por mais que não limite os seus estudos a um patamar comparativo entre catolicismo ibérico e protestantismo centro-norte europeu. O interessante em suas observações é o fato de tal proposta de modernização ter se voltado para a tradição ibérica, uma tradição tomista. A consolidação de tal projeto dá-se exclusivamente por este ponto. A Ibéria não estava com os olhos fechados para o que acontecia no restante do mundo, como enfatizado, por exemplo, por Schwartzman. Pelo contrário, é por estar atenta que preocupou-se com a retomada de sua tradição enquanto possibilidade emancipadora, criando para si uma alternativa que, agora, Morse arrisca chamar de moderna.

O ponto curioso desta breve reflexão é que o Brasil atual, no anseio de modernização, não faz o mesmo movimento de Morse, de reconhecimento e valorização de sua tradição. Pelo contrário, todo o movimento dá-se pela sua negação. Mesmo as supostas elites modernizantes, por mais que assimilem características de sua tradição, o fazem negando-a. Assim sendo, resgatando as bases habermasianas a fundamentarem tal reflexão, assegura-se que a modernização torna-se impossível tanto pela via vertical, pela tradição estar presente nos quadros mais claros da modernização conservadora, quanto na horizontal, da sociedade, impedida de reconhecer a si mesmo em sua tradição de maneira a promover sua emancipação. Sendo assim, por que não pensar na saída do imbróglie por meio da admissão da tradição,

voltando os olhares das pesquisas para os séculos XVI e XVII?

Referências bibliográficas

Barboza Filho, R. (2000). *Tradição e artifício – iberismo e barroco na formação americana*. Belo Horizonte, UFMG, Rio de Janeiro, IUPERJ.

Barboza Filho, R. (2008). Linguagens da democracia. *RBCS*, 23.

Barboza Filho, R. (2010). A modernização brasileira e o nosso pensamento político. *Revista Perspectivas*, 37.

Brandão, G. M. (2007). *Linhagens do Pensamento Político Brasileiro*. São Paulo: Editora Hucitec.

Gadamer, H.-G. (2004). *Verdade e Método I – traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Editora Vozes.

Habermas, J. (2012). *Teoria do agir comunicativo*, 2 volumes. São Paulo: Martins Fontes.

Holanda, S. B. (2004). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Morse, R. (1995). *O espelho de Próspero – cultura e idéias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras.

Schwartzman, S. (1988). O espelho de Morse. *Novos Estudos EBRAP*, 22.

Skinner, Q. (1996). *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras.

Weber, M. (2002). *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC.

Werneck Vianna, L. (2004). *A revolução passiva – iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Revan.